



IDENTIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO: DIÁLOGOS COM OS JOVENS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE BRAGANÇA¹

José Dias Santana

Graduando em pedagogia, bolsista PIBEX, josediasufpa@hotmail.com
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Edileusa Pena da Silva

Socióloga, militante e representante norte do Grupo de Mulheres Brasileiras (GMB),
edileusapena@gmail.com
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Norma Cristina Vieira

Doutora. Professora Adjunta da Faculdade de Educação/UFPA, Bragança. Coordenadora do
GUEAM, normacosta@ufpa.br
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Resumo

O projeto de extensão intitulado “Relações de Gênero e Educação: Diálogos com os jovens da Educação de Jovens e Adultos no município de Bragança”, desenvolvido no período 2016/2017 propôs-se dialogar as relações de gênero com os/as aluno/as da Educação de Jovens e Adultos (EJA). As ações de extensão dividiram-se em dois momentos: 1-Universidade, conjuntamente com os acadêmicos; 2- Na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Mons. Amâncio, em Bragança, com alunos/as da EJA. Embora os acadêmicos não fossem público do projeto estes também tiveram oportunidade de participar das discussões. Os resultados deste projeto nos apontam a necessidade de discutir questões relacionadas as relações de gênero e seus desdobramentos de forma aberta e aprofundada na universidade e nas escolas da Educação Básica.

Palavras-Chave: Gênero; Identidade; Educação; Diálogo.

Introdução

O projeto intitulado “Relações de Gênero e Educação: Diálogos com os jovens da Educação de Jovens e Adultos no município de Bragança”, desenvolvido no ano de 2016/2017, em escolas de Ensino Médio no município de Bragança, propôs-se construir diálogos sobre identidade de gênero com os/as aluno/as da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A necessidade deste debate surgiu a partir das disciplinas de estágio supervisionado do curso de Licenciatura em Pedagogia.

¹ Projeto de Extensão



As ações de extensão dividiram-se em dois momentos, o primeiro realizado na universidade Federal do Pará, *Campus* de Bragança com os/as alunos/as dos diferentes cursos (Biologia, Pedagogia, Ciência Naturais, Letra, Matemática, História, Turismo, Engenharia). O curso foi ministrado em um tempo de 20 horas dividido em três etapas de discussão.

O segundo momento aconteceu na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Mons. Amâncio, em Bragança. Foram seis encontros nas turmas do 1º ao 3º ano do Ensino Médio, com uso de rodas de conversas e filmes/curtas² sobre o tema.

Os resultados deste projeto nos apontam a necessidade de aprofundar a discussão das questões relacionadas às relações de gênero e seus desdobramentos de forma aberta na universidade e na escola.

O conceito de gênero surge dentro do campo feminista, suas discussões tomam força na década de 60, destaca-se o marco da contestação em 1968, onde o movimento ganha força com estudos de gênero em livros e jornais e o reconhecimento das lutas das mulheres. É necessário entender que o termo gênero surge com caráter fundamentalmente social, não pretende-se aí negar a biologia, mas enfatizar as construções sociais (LOURO, 2010).

As atividades de extensão do projeto na EJA, em Bragança, foram realizadas no sentido de dialogar sobre questões de gênero considerando as diferenças nos papéis de homens e de mulheres e a violência de gênero percebidas socialmente constituída. Neste sentido, os objetivos propostos pelo projeto foram alcançados a medida em que o mesmo foi sendo executado. Além disso, o projeto possibilitou um maior entendimento dos sujeitos, sobretudo da EJA, quanto à questão de gênero nas relações culturais.

Desenvolvimento

A princípio o projeto foi pensado para os sujeitos da EJA do município de Bragança, no entanto durante a formação da equipe do projeto (bolsista e voluntários) foi identificado interesse dos acadêmicos do *Campus* de Bragança nas discussões feitas pelo grupo. Os diálogos de formação sobre Cultura e Identidade de Gênero ficaram abertos para a comunidade acadêmica. Neste momento foi apresentado a comunidade acadêmica o **I Ciclo de formação em Educação, Gênero e Meio Ambiente**.

² Majorité Opprimée Maioria Oprimida [Legendado PT BR].
Acorda Raimundo!



Figura 1: I Ciclo de formação em Educação Gênero e Meio Ambiente. *Campus Bragança*, junho, 2016.

O ciclo de formação para os acadêmicos ocorreu no *Campus*, em três etapas, na qual foram discutidos questões de gênero e seus desdobramentos: sexualidade, feminismo/machismo, homofobia, violência de gênero e sua relação com a educação.

Na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Mons. Amâncio percebeu-se grande desconhecimento sobre a temática em questão entre os/as alunos/as. Poucos (10%) conheciam o termo gênero e sua relação com a cultura, com a identidade e com as relações sociais estabelecidas.

A partir de então foi iniciado o diálogo em torno das questões relacionadas ao tema. Após esse momento percebeu-se que os alunos conseguiam distinguir gênero de sexo, além de toda construção cultural e política que sustenta o conceito e a categoria gênero (masculino e feminino). Para facilitar o debate foram utilizados filmes (curtas) que abordassem o tema proposto.



Figura 2: Diálogos com os jovens da EJA. Escola Estadual Mons. Amâncio. Bragança, jan.2017.

A trajetória do termo gênero e da concepção do conceito ao longo da história ocidental tem sido marcada por discursos de diversos setores da sociedade - senso comum, academia ou de



algumas feministas. Como exemplos, podem ser citados aqueles que, de uma forma ou de outra, estão fundamentados em concepções essencialistas que traduzem papéis e lugares sociais de homens e de mulheres (VIEIRA; SIQUEIRA; DI PAOLO, 2014).

A cada um dos sexos, a sociedade tem atribuído papéis diferenciados - os intitulados papéis de gênero. Ao nascer, o ser humano socializa-se em um espaço onde lhe são apresentadas normas claramente definidas *o que é de homem* ou *o que é de mulher*, ou seja, a noção de gênero. Assim, desde cedo, aprendemos como devemos nos comportar de modo a sermos percebidos pelos outros/as e por nós mesmos/as (SUÁREZ, 2000; BUTLER, 2003; LOURO, 2010).

Para se iniciar esse debate, faz-se necessário recorrer a uma questão relevante aqui: gênero não é sinônimo de sexo. Sexo é biológico e refere-se aos componentes fisiológicos que distinguem os machos das fêmeas da espécie humana. A identidade de gênero de homens e mulheres é um fenômeno social, psicológico, histórico e culturalmente determinado. E, sempre, o sexo é lido, construído pelo social, daí não ser fixo, estável, e sim variável de sociedade para sociedade e com o tempo, a história, ainda que se construa, simultaneamente, em torno de algumas invariantes. É por isso que se torna um marco a famosa frase de Simone Beauvoir de que não se nasce mulher, torna-se mulher (PINTO, 2003).

Outro aspecto importante que o termo gênero representa está associado à dimensão política, quando seu uso mais forte se traduz justamente em desconstrução, no sentido de servir para quebrar a ideia de que ser mulher é uma condição essencial, dada pela natureza (SUÁREZ, 2000; BUTLER, 2003; SARDENBERG e COSTA, 2012).

A violência de gênero teve um destaque nas falas dos/as alunos/as da escola, com ênfase nas diversas formas de agressões sofridas por elas. Esse tema recebeu uma atenção especial durante o debate.

A mulher é inserida no constructo social, na cultura, na política e na linguagem como um viés de reprodução do gênero humano, e as discordâncias agudas sobre os significados do gênero, do sexo é mais fundamental, ou talvez a noção de *mulheres* ou *mulher* e/ou de *homens* ou *homem*, estabeleçam a necessidade de repensar radicalmente as categorias da identidade no contexto das relações de uma assimetria radical de gênero (BUTLER, 2003, p.31).

Dentre as dificuldades encontradas durante a execução do projeto, destacamos a dificuldade de encontrar turmas em aulas no primeiro semestre de 2016 em função da greve dos servidores da Rede Estadual de Ensino, o que culminou na transferência das visitas à escola para o segundo



semestre de 2016. Destacamos ainda dificuldades de adequação ao calendário das escolas que raramente tinham espaços vazios para serem exercidas as atividades do projeto.

Conclusão

As ações de extensão propostas pelo projeto obtiveram excelentes resultados nos espaços onde foram desenvolvidas. As discussões sobre gênero precisam sair das salas fechadas da academia, pois percebeu-se o desejo de entendimento, de diálogo, de conhecimento sobre o assunto. Se faz necessárias discussões também na escola, local onde a violência de gênero acaba de certo modo, sendo invisível e naturalizado aos olhos dos educadores e educandos/as.

O período de execução do projeto se deu em um período turbulento em nosso Estado, com paralizações, greves e ocupações da universidade e escolas de educação básica, comprometendo o tempo de aplicação do projeto. Apesar desses contratemplos os ganhos foram imensos no sentido de contribuição na formação de cada sujeito que participou das discussões, seja nas escolas ou na universidade.

Embora os universitários não tenham sido o foco principal do projeto, as ações realizadas neste espaço enriqueceu a formação do grupo diretamente envolvido no projeto com trocas de saberes entre os/as alunas/os das diferentes áreas do conhecimento.

Percebemos que as discussões das questões de gênero vêm sendo feitas, mas ainda restringe-se a um grupo específico ou a poucos cursos. Reconhecemos que o diálogo precisa ser mais frequente e, sobretudo, aberto para todos, no sentido político de desconstrução dos lugares e papéis de homens e de mulheres.

Além dos espaços de execução do projeto (Universidade e Escola), ressaltamos participação em outros espaços de debate, a citar:

- ✓ I Seminário de Pesquisa e Extensão, no Campus Universitário de Bragança em outubro de 2017.
- ✓ Participação no Grupo de Discussão (GD) sobre gênero e sexualidade o XXI Encontro Paraense dos Estudantes de Pedagogia-EPEPe, na cidade de Tucuruí, em junho de 2016.
- ✓ Participação de roda de conversa sobre gênero no II Seminário de Questões Socioambientais e Etnobiodiversidade na Amazônia.
- ✓ Participação das atividades formativas no período de ocupação do *Campus* universitário de Bragança, dialogando sobre gênero e sexualidade.



Referências bibliográficas

BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 11 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PINTO, C. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.

SARDENBERG, C.; COSTA, A. A. Feminismo no Brasil: enunciando e canalizando demandas das mulheres em sua diversidade. Labrys, Estudos Feministas, julho/dezembro, 2012.

SUÁREZ, M. Gênero: uma palavra para desconstruir ideias e um conceito empírico e analítico. I Encontro de intercâmbio e do Fundo de Gênero no Brasil. CIDA/Fundo para a equidade de gênero. 2000.

VIEIRA, Norma; SIQUEIRA, Deis; DI PAOLO, Darcy. “O que é de mulher e o que é de homem”: Relações de gênero na pesca artesanal, comunidade de Bonifácio, Amazônia Oriental, Brasil. Raízes, 34,(1): 8-23, 2014.